

## Homicídios em Goiás

Dalva Borges de Souza

### I. HOMICÍDIOS NA REGIÃO CENTRO-OESTE

Antes de iniciar a análise dos homicídios em Goiás, apresento algumas informações sobre a incidência de homicídios na Região Centro-Oeste, o que nos permite algumas comparações.

Os dados oferecidos pelo SENASP cobrem os anos de 2001 a 2005. O mesmo para as capitais. Por essas informações, percebe-se que as taxas, a despeito de uma oscilação para cima ou para baixo, estão próximas da média nacional nesses anos.

**Taxa Homicídios Dolosos  
(100 mil) Centro-Oeste  
2002-2006**

Estados	2001	2002	2003	2004
Mato Grosso do Sul	26,6	28,2	25,8	23,7
Mato Grosso	19,8	22,9	21,6	20,8
Goiás	17,7	19,6	18,9	19,2
Região Centro-Oeste	21,1	23,6	22,1	21,3

Fonte: SENASP-MJ.

Entretanto, nas capitais, Cuiabá fica acima da média das capitais brasileiras na maior parte dos anos. Além de Cuiabá, há uma cidade conurbada, Várzea Grande, que apresenta altos índices de homicídios.

**Homicídios Dolosos  
Centro-Oeste Capitais  
2001-2005**

Estados	2001	2002	2003	2004	2005
Campo Grande	28,6	27,6	21,7	21,3	16,9
Cuiabá	-	45,6	44,3	30,8	53,7
Goiânia	17,8	24,8	25,3	24,9	26,3
Região Centro-Oeste	-	32,6	30,4	25,6	32,3

Fonte: SENASP-MJ.

Os dados do DATASUS de 2000 a 2006, como esperado, mostram taxas mais altas para todos os estados da região do que as informadas pelas Secretarias de Segurança Pública dos Estados.

**Taxa Geral Homicídios  
(100 mil hab)  
Região Centro-Oeste  
2000-2006**

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	Var (%)
Brasil	26,7	27,8	28,5	28,9	27,0	25,8	26,3	-1,56
R. CO	29,3	29,0	30,0	29,7	28,1	28,1	28,1	-4,4
DF	33,5	33,0	29,9	33,9	31,2	28,2	27,7	-17,3
GO	21,6	22,8	26,3	25,4	28,2	26,1	26,3	21,7
MT	39,5	38,0	36,4	34,2	31,6	32,3	31,0	-21,5
MTS	31,3	29,4	31,9	32,5	29,6	27,7	29,5	-5,8

Fonte: SIM/DATASUS. Banco de Dados Núcleo de Estudos da Violência - NEV-USP

**Taxa de Homicídios (por 100 mil hab)  
nas capitais dos Estados da Região Centro-Oeste  
2000-2006**

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	Var (%)
Brasil	39,7	39,8	39,5	39,6	36,6	33,7	34,3	-13,8
R. CO	34,8	33,1	31,3	33,5	31,3	29,3	28,4	-18,4
DF	33,5	33,0	29,9	33,9	31,2	28,2	27,7	-17,3
GO	22,3	18,6	28,4	27,8	28,1	28,3	26,4	18,7
MT	65,6	68,2	46,6	46,2	42,2	42,3	40,7	-37,9
MTS	37,2	31,6	29,6	32,4	28,8	26,4	25,2	-32,7

Fonte: SIM/DATASUS. Banco de Dados Núcleo de Estudos da Violência - NEV-USP

## 2. INCIDÊNCIA DE HOMICÍDIOS NO ESTADO DE GOIÁS

Vou me deter agora no Estado de Goiás. De acordo com o SENASP, o Estado de Goiás apresentou taxas de homicídios da ordem de 19,2 em 2004 e 20,0 em 2005, abaixo da média nacional, 22,5 em 2004 e 22,0 em 2005.

Entretanto, algumas cidades apresentam taxas bem acima da média nacional e tendência de crescimento. Selecionei algumas cidades de população maior e que compõem a Região Metropolitana de Goiânia e outras da Região do Entorno do Distrito Federal.

Dados da Polícia Civil permitiram a construção da seguinte série histórica para algumas cidades do Estado de Goiás:

**Taxas de Homicídios por 100.000 hab - Cidades da Região Metropolitana de Goiânia e Anápolis e Cidades da Região do Entorno Goiano do Distrito Federal**

Cidade	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Goiânia	22,7	11,1	21,5	26,9	22,9	18,9	29,0	25,3	24,9	26,3	35,7
Aparecida de Goiânia	18,8	14,3	29,4	26,8	33,6	40,0	47,3	36,0	45,7	36,0	27,3
Senador Canedo	22,5	15,8	16,6	25,7	22,6	31,8	52,3	16,9	23,6	8,4	22,7
Trindade	18,6	8,5	29,3	16,6	17,2	19,9	24,0	18,3	18,3	16,0	25,4
Anápolis	25,7	26,4	18,1	23,9	21,2	13,8	14,6	16,1	20,4	22,0	16,9
Águas Lindas	-	-	-	-	43,5	25,0	33,1	26,5	22,0	32,5	45,1
Formosa	-	-	42,2	26,7	33,0	23,5	50,7	36,7	35,6	31,0	54,1
Luziânia			19,7	34,0	52,4	39,0	36,9	51,1	36,4	54,4	57,1

Fonte das ocorrências de Homicídios: Setor de Estatística e Informações – Setor de Planejamento Estratégico – Diretoria-Geral da Polícia Civil – Secretaria de Segurança Pública do Estado de Goiás; Fonte da população por ano: Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação – Secretaria de Planejamento do Estado de Goiás.

Como algumas das cidades pesquisadas apresentaram taxas médias geométricas de crescimento da população muito elevadas nos últimos anos, utilizei para o cálculo da taxa de homicídios, a projeção de população feita pela Secretaria de Planejamento do Estado de Goiás ano a ano, para que não fosse superestimada a taxa. Aparecida de Goiânia e Senador Canedo, no período 1991-2000, já haviam tido taxa média geométrica de crescimento populacional de 7,3% e 9,27%, respectivamente. Já no período de 2000-2007, houve desaceleração, mas as taxas permaneceram altas, 5,06 e 4,14%. Inserem-se no quadro de crescimento populacional das periferias metropolitanas. Águas Lindas de Goiás é outro exemplo, pois cresceu 8,12% entre 2000 e 2006. Do Entorno Goiano do Distrito Federal, selecionei duas outras cidades - além de Águas Lindas - Formosa e Luziânia. As duas últimas apresentam taxas de homicídios acima da média nacional na maior parte dos anos. São cidades que tiveram um crescimento desordenado absorvendo população pobre de Brasília. A vitimização juvenil nas cidades do entorno é extremamente alta. Luziânia apresentou uma média de vitimização juvenil de 42,2% entre os anos de 2004 a 2006, Formosa de 45,2 e Águas Lindas de 45,5%<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Cf. Waiselfisz, Julio Jacobo. Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros. Brasília: RITLA/Instituto Sangari/Ministério da Saúde/Ministério da Justiça, 2008.

Assim, embora a capital, Goiânia, concentre a maior parte da população, ela não é responsável pelas maiores taxas de homicídio entre as cidades pesquisadas. Destacam-se, com altas taxas de homicídio as cidades da Região Metropolitana de Goiânia, como Aparecida de Goiânia e Senador Canedo e Trindade. Também Anápolis apresenta taxas que se aproximam em alguns anos da média nacional (22,0 em 2005) e, embora não faça parte da Região Metropolitana de Goiânia, fica a 48 km da capital e a 160 km de Brasília, é sede de um pólo industrial e concentra a terceira maior população do Estado de Goiás (331.329 habitantes).

Na pesquisa desenvolvida, outras cidades foram consideradas: na região sudoeste do estado três cidades que tiveram expressiva expansão do agronegócio e de indústrias nos últimos anos. São cidades consideradas pela Polícia Federal como rota do narcotráfico, com origem na Bolívia e passando por Mato Grosso; na região sudeste do estado foi selecionada também uma cidade que atraiu indústrias nos últimos anos e uma outra, na região mais pobre, a nordeste. Nenhuma delas apresentou taxas importantes de homicídios, mesmo aquelas nas quais a população cresceu muito nos últimos anos em decorrência do agronegócio e/ou da implantação de indústrias, a incidência de homicídios não foi tão grande, configurando um quadro relativamente estável e abaixo na média nacional na maior parte dos anos. As taxas indicam que, a despeito de mudanças na configuração dessas cidades, elas não se inserem na dinâmica da violência urbana do Estado de Goiás.

### **3. A TENTATIVA DE COMPREENDER OS HOMICÍDIOS**

A sociologia considera que, no estudo de homicídios é necessário desagregar os dados para compreender a sua motivação. Na tradição européia de estudos sobre a violência, Norbert Elias (1990; 1993; 1997) considerou a necessidade de se perceber se a violência é um meio de obter um determinado fim (instrumental) ou se é cometida como um fim em si mesmo para obtenção de satisfação emocional (expressiva). Pieter Spierenburg (1996), que trabalha na perspectiva da teoria do processo civilizador de Norbert Elias, ao analisar dados de homicídios na Holanda, criou dois eixos para analisar motivos/relação agente vítima em homicídios: Violência impulsiva x violência planejada ou “racional” e violência ritual ou expressiva x violência instrumental.

Em estudos anteriores, fiz uma adaptação dos eixos de Spierenburg, para estudar homicídios em Goiás a partir de dados coletados em processos judiciais (Souza, 2005) e em inquéritos policiais (Souza, 2003), com o objetivo de perceber se haveria uma mudança no padrão de homicídios em Goiás. A conclusão foi de que há, ao longo dos anos, uma redução nos crimes de motivação impulsiva e um aumento nos crimes de motivação planejada e instrumental, que se sobrepõem aos crimes expressivos.

Na tradição americana, o pioneiro foi Marvin E. Wolfgang (1967) que criou os tipos de homicídio *premeditado* e *impulsivo*. Os seguidores de Wolfgang nos estudos sobre homicídios, na Escola de Chicago, refinaram a tipologia, especialmente Scott Decker (1996) que considera que, como todos os crimes, os homicídios têm um caráter normativo, obedecem a um padrão. São caracterizados por um determinado nível de organização social que cria expectativas rotineiras sobre a combinação adequada de motivos e relações entre os agentes e as vítimas, bem como das características situacionais. A expectativa previsível sobre homicídios é a de que eles ocorram nas relações primárias (entre parentes, cônjuges, amigos) com motivação expressiva e nas relações secundárias (conhecidos e estranhos) com motivação instrumental. Diversas pesquisas realizadas nos Estados Unidos, pelo próprio Decker e outros, procuraram compreender os homicídios desviantes do padrão: instrumentais nas relações primárias e expressivos nas relações secundárias. A explicação para esses homicídios atípicos seriam a emergência das drogas e o aumento das gangues, assim como mudanças na configuração da cidade e da família, que estariam alterando a relação motivos/agente-vítima.

Nesta pesquisa, examinei 231 prontuários de presos no Sistema Prisional Goiano por homicídio doloso, tentativa de homicídio e latrocínio ocorridos entre 24 de janeiro de 1994 e 20 de setembro de 2006. O crime de tentativa de homicídio foi incluído porque a variável que objetivava interpretar é a motivação para o ato violento, portanto, a intenção significativa do agente, segundo a proposta weberiana.

Em 2006, de acordo com as informações do INFOPEN-MJ, estavam presos por homicídio consumado e tentado, 429 pessoas e por latrocínio 86. Se considerarmos esse ano – apenas como referência – foram analisados prontuários de 35,2% dos presos por homicídio e tentativa e 70,9% por latrocínio. A cobertura não foi integral porque somente aqueles prontuários foram localizados na etapa de coleta de dados.

Percentual da amostra em relação ao total de encarcerados

Tipo de crime	Percentual da amostra	Total presos
Homicídio doloso + homicídio tentado	(158) 35,2%	429
Latrocínio	(61) 70,9%	86

Fonte: Base INFOPEN 2006

Procurei traçar um perfil dos presos por esse tipo de crime com as informações disponíveis. A quase totalidade dos presos nos prontuários examinados é do sexo masculino e a grande maioria, quase 85% tem menos de 30 anos, como registram as pesquisas sobre homicídios em geral. 62,8% são pardos, 22,9% brancos e 6,5% negros. Quanto à escolaridade, a maior parte tem o ensino fundamental incompleto, 48,1%, seguida dos que apenas lêem e escrevem, 27,3. Mais de 50% são solteiros e a união civil legal tem menor incidência. A grande maioria nasceu em Goiânia e em outros municípios do Estado de Goiás e 11,7% nasceram em cidades da região nordeste do Brasil.

**Tipos de crimes cometidos por réus cumprindo pena no Complexo Penitenciário crimes cometidos entre 1994-2006**

Tipo de crime	Percentual	Absoluto
Não informado	0,9%	2
Homicídio doloso	55,8%	129
Latrocínio	26,4%	61
Tentativa de homicídio	16,9%	29
Total	100%	231

**Perfil dos Presos - Sexo**

Sexo	Absoluto	Percentual
Feminino	4	1,7
Masculino	223	96,5
Não Informado	4	1,7
Total	231	100%

**Perfil dos Presos - Idade**

Faixa Etária	Absoluto	Percentual
18-24	125	54,1%
25-29	71	30,7%
30-34	16	6,9%
35-39	11	4,8%
40-49	5	2,2%
50-59	1	0,4%
Não informado	2	0,9%
Total	231	100%

**Perfil dos Presos - Cor**

Cor	Absoluto	Percentual
Branca	53	22,9%
Negra	15	6,5%
Parda	145	62,8%
Não Informado	18	7,8%
Total	231	100%

**Perfil dos Presos - Escolaridade**

<b>Escolaridade</b>	<b>Absoluto</b>	<b>Percentual</b>
Analfabeto	9	3,9%
Lêe	63	27,3%
Fundamental Completo	111	48,1%
Fundamental Completo	17	7,4%
Médio Incompleto	9	3,9%
Médio Completo	5	2,2%
Não Informado	17	7,4%
Total	231	100%

**Perfil dos Presos - Naturalidade**

<b>Naturalidade</b>	<b>Absoluto</b>	<b>Percentual</b>
Goiânia	108	46,7%
Outros municípios do Estado de Goiás	53	22,9%
Região Nordeste do País	27	11,7%
Região Sul-sudeste do País	14	6,1%
Região Norte do País	13	5,6%
Região Centro-Oeste	14	6,1%
Não Informado	1	0,4%
Total	231	100%

**Perfil dos Presos - Estado Civil**

<b>Estado Civil</b>	<b>Absoluto</b>	<b>Percentual</b>
Solteiro	131	56,7%
Casado	30	13,0%
Amasiado	64	27,7%
Não informado	6	2,6%
Total	231	100%

Outras informações buscadas, como religião, número de filhos, número de membros da família são precárias. Demandariam uma pesquisa qualitativa. Mais de 50% dos presos tinham antecedentes criminais e como o período analisado é recente, 91,3% estão no regime fechado.

#### Antecedentes criminais

Antecedentes	Absoluto	Percentual
Sim	127	55,7%
Não	85	37,7%
Não Informado	19	8,2%
Total	231	100%

#### Perfil dos Presos - Regime

Regime	Absoluto	Percentual
Aberto	2	0,9%
Semi-aberto	14	6,1%
Fechado	209	91,3%
Não informado	6	2,6%
Total	321	100%

Com respeito às vítimas, a única informação disponível é sexo: 86,0% são do sexo masculino e 13,1% do sexo feminino, registro mais alto do que o da Polícia Civil que constatou, para os anos de 2000 a 2008 que 8% das vítimas de homicídio em Goiânia eram do sexo feminino.

Passo então a considerar as circunstâncias do crime, outro indicador que nos ajuda a compreender os homicídios. Embora a maior parte tenha ocorrido na rua, em bares e em outros locais, há uma alta incidência de crimes ocorridos no espaço da casa. Quanto ao período do dia em que ocorreu o crime, a maior parte foi à noite ou de madrugada. A arma de fogo foi utilizada em 62,2% dos casos.

#### Local em que ocorreu o crime

Local	Absoluto	Percentual
Casa	62	27,1%
Rua	88	38,4%
Trabalho	1	4,4%
Baile	8	0,4%
Bar	27	11,8%
Outros	40	17,5%
Não informado	5	2,2%
Total	231	100%



**Período em que ocorreu o crime**

<b>Período</b>	<b>Absoluto</b>	<b>Percentual</b>
Manhã	21	9,1%
Tarde	26	11,3%
Noite	119	51,7%
Madrugada	48	20,9%
Não Informado	17	7,4%
<b>Total</b>	<b>231</b>	<b>100%</b>

Com o objetivo de determinar as circunstâncias do crime, identificou-se o local do crime e o período do dia em que ocorreram. A maioria, 38,4%, ocorreu na rua e em outros lugares, embora uma parcela importante, 27,1%, tenha ocorrido em casa. Quanto ao período, ocorreram mais à noite e de madrugada. Armas de fogo concorreram em 62,2%.

Da leitura das narrativas dos inquiridos, foi possível verificar com maiores detalhes as circunstâncias dos crimes. Estabeleceu-se uma classificação a partir da leitura dessas narrativas:

- Conflito interpessoal – quando o crime resulta de brigas, altercações anteriores ou na hora do evento.
- Drogas – quando há disputa por ponto de venda de drogas, cobrança de dívidas por drogas, retaliação a pequenos vendedores que mudam de padrão.
- Extermínio – quando o crime teve mais de uma vítima e se caracterizou por ação premeditada e de surpresa.
- Patrimonial – quando o crime é cometido visando algum bem. Além dos latrocínios, extorsão, ou mesmo disputas em torno de dinheiro ou de outro bem material.
- Não Interpretado – quando não se pode, pela narrativa do crime, identificar as circunstâncias.

**Circunstâncias desencadeadoras do crime**

<b>Circunstâncias do Crime</b>	<b>Absoluto</b>	<b>Percentual</b>
Conflito Interpessoal	137	59,3%
Drogas	11	4,8%
Extermínio	3	1,3
Patrimonial	66	28,6
Outros	11	4,8
Não Interpretado	3	1,3
<b>Total</b>		<b>100%</b>

Conflito interpessoal impulsionou 59,3% dos crimes, contra 28,6% em que a obtenção de algum bem impulsionou a ação. A maior parte dos crimes ocorreu sem que o agente tivesse qualquer conhecimento prévio da vítima e em 34,2% dos casos, eram conhecidos. Isso já pode informar que os homicídios em Goiás obedecem ao padrão considerado universal. É da convivência próxima entre as pessoas que são desencadeados conflitos que resultam em homicídios. Cônjuges, parentes e amigos são no geral protegidos das ações instrumentais, que visam a aquisição de bens.

Entretanto, é necessário tecer algumas considerações a respeito. Primeiro que os crimes resultantes de conflitos interpessoais são crimes violentos cometidos nos espaços da comunidade, à vista de todos, têm uma motivação impulsiva ou expressiva, “deixam-se notar”, já que não são previamente planejados ou ocorrem em espaços marginais. Segundo, os seus agentes não dispõem dos inúmeros recursos que a lei faculta para retardar e ou estancar os procedimentos da justiça. Terceiro, associada à hipótese anterior, não há qualquer nível de organização que permita o acobertamento, como nas ações de quadrilhas, como no crime organizado, em que a corrupção da polícia e de outras autoridades favorece a impunidade. Assim, é possível que os crimes contra a vida que têm por alvo o patrimônio, e cujas relações entre os agentes e vítimas caracterizem relações entre estranhos, sejam aqueles cujos processos mais demoram a serem julgados ou sequer sejam iniciados e, justamente por isso, apareçam muito pouco nesta pesquisa.

Embora os homicídios decorrentes do tráfico de drogas tenham apresentado crescimento nos últimos anos em Goiás, principalmente devido à introdução do crack, a partir de 2006, como os aqui examinados são de anos anteriores, não aparecem significativamente nesta pesquisa. Além disso, as hipóteses anteriormente apresentadas para a não condenação dos seus agentes devem ser consideradas.

Outra variável importante para a caracterização de homicídios é a relação agente-vítima. A classificação aqui feita foi a seguinte:

- PAR AMOROSO - inclui a relação de concubinato e a que ocorre entre cônjuges, namorados;
- PARENTES - relações entre parentes consangüíneos e parentes afins;
- AMIGOS - relações declaradas de amizade ou quando se observou ser a relação fruto de longa e próxima convivência;
- CONHECIDOS - relações de conhecimento prévio, sem caracterização de laços de amizade ou afeto;
- RIVAIS EM RELAÇÕES AMOROSAS - tanto quando envolve o casamento quanto nas ligações informais;

- **ESTRANHOS** - quando não existe qualquer relação de convivência anterior e o contato só é travado no momento exato da violência.

**Relação agente / vítima**

<b>Relação Agente / Vítima</b>	<b>Absoluto</b>	<b>Percentual</b>
Por amoroso	16	6,9%
Parente	5	2,2%
Amigo	18	7,8%
Rivais	17	7,4%
Conhecido	79	34,2%
Estranho	92	39,8%
Não Informado	4	1,7%
<b>Total</b>	<b>231</b>	<b>100%</b>

A relação mais frequentemente encontrada nesta pesquisa foi entre estranhos, 39,8% ou seja, pessoas que não tinham qualquer conhecimento prévio antes do ato criminoso. Em segundo lugar aparece a relação entre conhecidos, 34,2%.

Na tentativa de verificar se os homicídios examinados obedecem ao padrão normativo, agreguei as variáveis par amoroso, parentes e amigos na variável grupo primário, e amigos, rivais e estranhos como grupo secundário.

Foi possível verificar que 22,3% dos homicídios com motivação expressiva ocorreram nas relações primárias e 76,3% nas relações secundárias. Já entre os homicídios com motivação instrumental, 11,4% ocorreram nas relações primárias e 88,6% nas relações secundárias. Seguindo as indicações de Decker, os homicídios instrumentais obedecem à expectativa das relações agentes-vítimas e motivação. Entretanto, quando se verifica que 76,3% de homicídios com motivação expressiva ocorreram nas relações secundárias, pode ser afirmado que eles fogem ao padrão e se classificam como homicídios atípicos.

**Relação agente-vítima / Motivação para o crime**

<b>Relação agente - vítima</b>	<b>Motivação</b>			<b>Total Abs/Perc</b>
	<b>Expressiva Abs/Perc.</b>	<b>Instrumental Abs/Perc.</b>	<b>Não Interpretada Abs/Perc</b>	
Relação Primárias	(31) 22,3%	(10) 11,4%	(0)	(41) 17,7%
Relações Secundárias	(106) 76,3%	(78) 88,6%	(2) 66,7%	(186) 80,5%
Não Informada	(2) 1,4%	(1) 1,3%	(1) 33,3%	(4) 1,7%
<b>Total</b>	<b>(139) 60,2% 100%</b>	<b>(88) 38,1% 100%</b>	<b>3 1,3% 100%</b>	<b>231 100%</b>

Seguindo a linha de interpretação proposta pelo autor, é possível considerar a teoria da desorganização social, ou o aumento dos crimes relacionados a drogas. Entretanto, penso que há uma outra questão a ser considerada e ela se refere à categoria “conhecidos”.

A sociologia tem pouca discussão a respeito da categoria conhecidos. Tem tratado de amigos e de estranhos, porém, os conhecidos são pouco explorados. Descreve apenas pessoas que não nos são completamente estranhas, mas com quem não estabelecemos relações de intimidade ou de vínculo afetivo, como amigos e parentes. Adam Smith (1999) na sua Teoria dos Sentimentos Morais, afirma que temos menor simpatia pelos conhecidos do que pelos amigos, porém, diante deles, dos conhecidos, como temos controle sobre nós mesmos, temos mais compostura do que diante dos amigos. Goffman (1966;1992) está particularmente interessado nas nossas relações face a face com conhecidos, e os recursos seguros que utilizamos para, nessa interação, manter os rituais de civilidade. Porém, nenhum dos autores se aprofunda na discussão dessa categoria e, para o que nos interessa, os conhecidos continuam indefinidos, entre amigos e parentes e estranhos. Embora constituam uma outra categoria, os pesquisadores de homicídios nos Estados Unidos, os incluem entre as relações secundárias, junto com estranhos.

Faço aqui uma outra interpretação, baseada nos códigos culturais brasileiros. Considero que conhecidos devem ser incluídos nas relações de proximidade, pois se seguirmos a interpretação de Sérgio Buarque de Holanda, tornamo-nos facilmente íntimos de fregueses, inquilinos, vizinhos, colegas de trabalho, etc. Se for considerada essa interpretação, de que no Brasil conhecemos uma pessoa hoje e ela já se torna “amigo (ou inimigo) de 20 anos”, ela mudaria radicalmente a compreensão dos homicídios desviantes. Por exemplo, um comprador de drogas e seu traficante. No Estado de Goiás, onde a territorialização do tráfico não é tão demarcada como no Rio de Janeiro, os compradores adquirem a droga de traficantes conhecidos, com quem mantém algum tipo de relação mais próxima. Isso não impede que, em caso de dívidas não saldadas, sejam mortos pelos traficantes. Um vizinho tende a manter relações mais próximas e, às vezes, afetivas – positiva ou negativamente – com a pessoa da porta seguinte. Da mesma forma um companheiro de cela ou membros de gangues em conflito tendem a conhecer melhor uns aos outros.

Com base nesse argumento, corroborado pela leitura das narrativas dos crimes, vários dos homicídios cometidos entre conhecidos poderiam ter um tratamento diferente do comum, desagregando-se a categoria conhecidos com relações mais próximas, de conhecidos casuais. Os primeiros seriam tipificados como grupos primários. Isso mudaria completamente o quadro, embora ainda permanecesse um alto índice de homicídios desviantes do padrão, aqueles crimes expressivos cometidos entre estranhos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DECKER, SCOTT H. Deviant homicide: a new look at the role of motives and victim-offender relationship. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, vol. 33, no. 4, November 1996 427-449. Diretoria Geral da Polícia Civil. Superintendência de Informática, Planejamento e Telecomunicação. Seção de Estatística e Informação.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro Zahar, 1993.
- ELIAS, Norbert. *Os Alemães*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997.
- GOFFMAN, Erving. *Behavior in Public Places. Notes on the Social Organization Of Gatherings*. New York. The Free Press, 1966.
- GOFFMAN, Erving. A representação do Eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1992 NEV-USP. Banco de Dados:Homicídios.<http://www.nevusp.org/> acessado em 05/10/2009.
- SENASP-Ministério da Justiça. Sistema Único de Segurança Pública. CD-Rom, 2008.
- SMITH, Adam. *Teoria dos Sentimentos Morais*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.
- SOUZA, Dalva Borges de. "Crimes de Homicídio em Goiânia", 2004. Relatório de Pesquisa
- SOUZA, Dalva Maria Borges de Lima de (1999). *Violência, Poder e Autoridade em Goiás*. Goiânia: Ed.UFG, 2006.
- SPIERENBURG, Pieter. "Long-Term Trends in Homicide: Theoretical Reflections and Dutch Evidence" in: JOHNSON, Eric A. and MONKKONEN,
- Eric. H. (1996) *The Civilization of Crime : Violence in town and country since the Middle Ages*. University of Illinois. Stanford, California, Stanford University Press.
- Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação – Secretaria de Planejamento do Estado de Goiás.
- VARANO, Sean Patrick e CANCINO, Jeffrey Michael. An empirical Análisis of Deviant homicides in Chicago. *Homicide Studies*, vol. 5 no. 1, Fev 2001 5-29. 2001. Sage3 Publications, Inc. Waiselfisz, Julio Jacobo. Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros. Brasília: RITLA/Instituto Sangari/Ministério da Saúde/Ministério da Justiça, 2008.
- WOLFGANG, Marvin E. e FERRACUTI, Franco. *The subculture of violence. Towards an integrated theory in criminology*. London: Tavistock Publications, 1967.



# O papel do desemprego nas altas taxas de homicídio entre os jovens no Brasil Metropolitano<sup>1</sup>

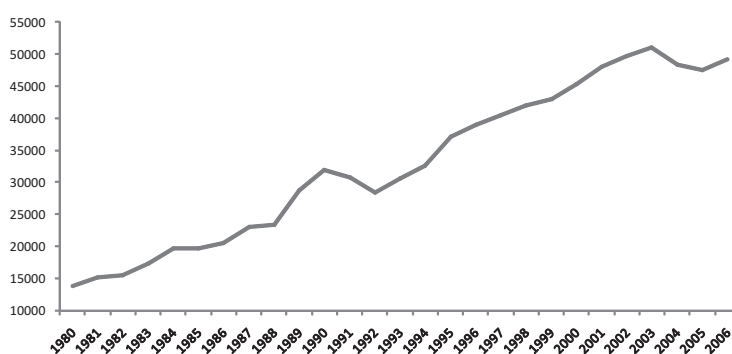
Roberta Guimarães

## INTRODUÇÃO

O número de homicídios no Brasil vem aumentando assustadoramente, como se destaca no gráfico 1. No ano de 1980, foram assassinadas cerca de 14 mil pessoas. Apesar de muito elevado, esse número mais do que dobrou em apenas uma década, atingindo 32 mil, em 1990. No ano de 2000, os homicídios ultrapassaram 45 mil. Finalmente, em 2006, 50 mil pessoas foram assassinadas no país. Isto é, em apenas duas décadas e meia, verificou-se uma verdadeira explosão nos homicídios, que aumentaram cerca de 360%.

Durante esse mesmo período (1980-2006), o total de pessoas assassinadas no Brasil se aproxima de 900 mil. Para se ter uma idéia da gravidade do problema, basta lembrar que este número representa mais do que o dobro da população do estado de Roraima (403 mil). É um número bem maior do que a população dos estados do Amapá (616 mil) e do Acre (687 mil). Ou seja, os homicídios registrados em apenas 26 anos equivalem ao extermínio de toda população do Amapá e de Roraima juntos. Trata-se, ainda, de um valor bastante superior à metade da população dos estados de Tocantins (1,3) e de Rondônia (1,5 milhão)<sup>2</sup>.

Gráfico 1:  
Número de Homicídios (Brasil: 1980-2006)

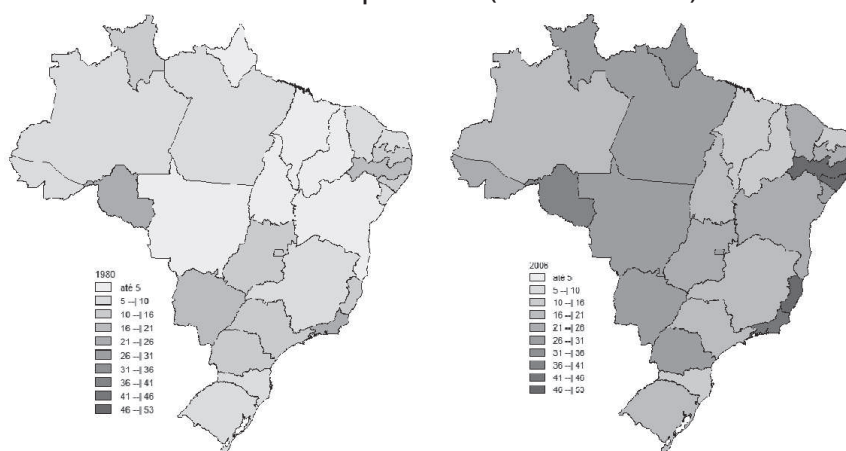


Fonte: elaboração própria com dados do SIM (DATASUS).

- 1 Este artigo é baseado na Tese: Determinantes Socioeconômicos dos Homicídios entre Jovens: Um Estudo das Regiões Metropolitanas Brasileiras (Guimarães, R. 2009)
- 2 Todos estes números são referentes aos dados de projeção da população feita pelo IBGE para o ano de 2006.

Esse comportamento explosivo do número de mortes por assassinato também pode ser constatado no Mapa 1, que apresenta a *taxa de homicídio* – ou o número de homicídios a cada 100 mil habitantes – verificada nos estados brasileiros, nos anos de 1980 e de 2006. Constata-se que em todas as unidades federativas houve um drástico aumento desse indicador. Em 1980, nenhum estado apresentou taxa de homicídio superior a 26. Em 2006, metade dos estados apresentou esta marca.

**Mapa 1:**  
**Taxa de Homicídio por Estados (Brasil: 1980 e 2006)**



Fonte: elaboração própria com dados do SIM (DATASUS) e PNAD (IBGE).

No ano de 1980, a maioria dos vinte e seis estados (contando com o DF)<sup>3</sup> da nação apresentou taxa de homicídio inferior a 10. A taxa mais elevada foi de 26 mortos a cada 100 mil habitantes, verificada no Rio de Janeiro. Já no ano de 2006, praticamente todos os estados apresentaram taxa acima de 20 e, em nenhum estado, verificou-se número inferior a 10. Os maiores valores foram registradas em Pernambuco (53), Alagoas (53), Espírito Santo (51) e Rio de Janeiro (46). O estado de Santa Catarina apresentou a menor taxa, com 11 homicídios a cada 100 mil habitantes.

Essa situação coloca o país em uma posição absolutamente desfavorável com relação ao resto do mundo. Por exemplo, de acordo com os dados mais recentes da Organização Pan-Americana de Saúde, o Brasil fica em 5º lugar em um ranking com os 40 países mais violentos do continente americano (gráfico 2).

<sup>3</sup> Nesse período o estado do Tocantins fazia parte do Estado de Goiás.